

Janne Costa Lima



**Trabalhando a Arte Popular nas séries finais do Ensino
Fundamental através da arte incomum de GTO**

FORMIGA
2011

Janne Costa Lima

**Trabalhando a Arte Popular nas séries finais do Ensino Fundamental
através da arte incomum de GTO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Lincoln Volpini Spolaor

FORMIGA

2011

Lima, Janne Costa

Trabalhando a Arte Popular nas séries finais do Ensino Fundamental através da arte incomum de GTO : Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Janne Costa Lima. – 2011

47 f.

Orientador (a): Lincoln Volpini Spolaor

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Spolaor, Lincoln Volpini II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. Título.

Janne Costa Lima

Trabalhando a Arte Popular nas séries finais do Ensino Fundamental através da arte incomum de GTO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Lincoln Volpini Spolaor – EBA/UFMG

Giovanna Martins Vianna - EBA/UFMG

Lincoln Volpini Spolaor - EBA/UFMG

FORMIGA

2011

“Este trabalho é dedicado à minha mãe, pessoa que mais me incentiva e confia em minha capacidade para crescer e melhorar profissional e pessoalmente”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, meus amigos, professores, tutores e colegas de trabalho, que souberam compreender e perdoar meus momentos de estresse, durante esta etapa tão importante para minha formação profissional e crescimento pessoal.

“A arte é a contemplação: é o prazer do espírito que penetra a natureza e descobre que ela também tem uma alma. É a missão mais sublime do homem, pois é o exercício do pensamento que busca compreender o universo, e fazer com que os outros o compreendam”.

Auguste Rodin

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar aos professores de Artes das Escolas Municipais de Divinópolis (MG) um novo tema para ser trabalhado durante suas aulas nas séries finais do Ensino Fundamental.

A metodologia da pesquisa encontra-se baseada no estudo e análise das obras do escultor GTO, e em como utilizar as mesmas para trabalhar a arte popular na sala de aula, numa tentativa de aproximar a arte e o espectador, já que as obras do artista possuem muitas características comuns ao cotidiano dos alunos.

O presente trabalho se tornará muito importante para os educadores, pois ampliará seus conhecimentos sobre a vida e a obra do artista, sobre a escultura popular, procurando apresentar novas opções para a prática do ensino de Artes Visuais dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: GTO, escultura popular, Arte Popular, Ensino de Artes Visuais.

ABSTRACT

The present work aims to present the Arts teachers of School District Divinópolis (MG) a new theme to be worked on during their classes in upper grades of elementary school.

The research methodology is based on study and analysis of the works of sculptor GTO, and how to use the same folk art to work in the classroom in an attempt to bring art and the viewer, since the artist's works have many features common to the daily lives of students.

This work will become very important for educators, because it enhances their knowledge about the life and work of the artist on the popular sculpture, seeking to present new options for the practice of teaching the visual arts within the school environment.

Keywords: GTO, folk sculpture, folk art, School of Visual Arts

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Placa na entrada do Museu/Residência GTO em Divinópolis.....	04
Figura 2 – Foto de capa do catálogo da exposição “Cinco anos sem novos sonhos de GTO”	05
Fonte: Catálogo da Exposição “Cinco anos sem novos sonhos de GTO”.	
Figura 3 – GTO esculpindo na varanda de sua casa	07
Fonte: Catálogo “GTO: Vinte Anos de Sonhos”. Foto de Mauro Eustáquio.	
Figura 4 – Escultura em duas faces	08
Fonte: http://www.acasa.org.br/arquivo_objeto.php?reg_mv=OB-00456	
Figura 5 – Roda da Vida, GTO – 1979.....	09
Fonte:	
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=1966&cd_idioma=28555	
Figura 6 – Roda Viva, GTO – 1974.....	10
Fonte:	
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=1966&cd_idioma=28555	
Figura 7 – Sem título, GTO – 1972.....	12
Figuras 8 e 9 – Autorretratos.....	13
Figura 10 – Sem título – José Valentim Rosa	21
Fonte: http://www.crap-mg.art.br/artistas/artistas.asp?ID=2039	
Figura 11 – Agricultor trabalhando na roça, Mestre Vitalino – s.d.	22
Fonte:	
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=4457&cd_idioma=28555	
Figura 12 – Retirantes, Mestre Vitalino.....	23
Fonte: http://artepopularbrasil.blogspot.com/search/label/Mestre%20Vitalino	
Figura 13 – Retirantes, Mestre Vitalino.....	23
Fonte:	
http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Mestre+Vitalino&ltr=m&id_perso=124	
Figura 14 – Sem título, Antônio Poteiro.....	24
Fonte: http://artepopularbrasil.blogspot.com/2011/01/antonio-poteiro.html	
Figura 15 – Pote, Antônio Poteiro.....	25
Fonte: http://artepopularbrasil.blogspot.com/2011/01/antonio-poteiro.html	
Figura 16 – Nossa Senhora, Antônio Poteiro.....	26
Fonte: http://artepopularbrasil.blogspot.com/2011/01/antonio-poteiro.html	

Figura 17 – Mulher, Jofe dos Santos.....	27
Fonte: http://www.taglia.com.br/jofe/	
Figura 18 – Casal – Escultura em pó de pedra e cimento, Jofe dos Santos.....	28
Fonte: http://www.taglia.com.br/jofe/	
Figura 19 – As três Marias – Ananias Elias.....	29
Fonte: http://sacolaludicadamonoludica.blogspot.com/2010/07/as-tres-marias.html	
Figura 20 – Agonia de São Francisco, Maurino Araújo.....	30
Fonte: http://artepopularbrasil.blogspot.com/2010/12/maurino-araujo.html	

SUMÁRIO

Introdução	01
1. GTO: o escultor dos sonhos	03
1.1. O artista – vida e obra.....	06
1.2. Condições de execução da obra: material e formas trabalhadas por GTO	06
1.3. Utilização dos elementos para destacar a espacialidade e conferir movimento.....	09
1.4. Críticas sobre a vida e a obra do artista.....	12
2. A arte popular brasileira	18
2.1. Alguns artistas que se destacaram na escultura popular brasileira	19
2.1.1. José Valentim Rosa.....	20
2.1.2. Mestre Vitalino.....	21
2.1.3. Antônio Poteiro.....	23
2.1.4. Jofe dos Santos.....	27
2.1.5. Ananias Elias.....	29
2.1.6. Maurino Araújo.....	29
2.2. Considerações sobre a escultura e os escultores populares do Brasil .	31
3. A importância do ensino de Arte	32
3.1. A obra plástica de GTO e seu uso na didática	34
3.2. As possibilidades de se trabalhar a obra de GTO durante as aulas de Arte.....	35
3.3. Propostas para o ensino de Artes Visuais através da arte incomum de GTO.....	36
3.3.1. Conhecendo e valorizando a arte popular através da obra de GTO.....	37
3.3.2. Viagem ao mundo incomum de GTO.....	38
3.3.3. Formas, espacialidade e movimento das obras de GTO.....	39
3.3.4. Oficina de Papier Collé.....	41
Conclusão.....	43
Referências.....	45

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar uma nova forma para os professores de Arte das escolas municipais de Divinópolis (MG) trabalharem a arte popular, através do estudo da obra de GTO, um artista local, de origem humilde.

A proposta é investigar a vida e a obra do artista, propondo o assunto como um novo tema para ser inserido nas aulas de Arte das escolas da rede municipal de ensino de Divinópolis (MG), nos anos finais do Ensino Fundamental. Reconhecendo, assim, o artista como uma entidade social, um símbolo vivo da cultura local e da Arte Popular.

O trabalho busca não só estudar a vida desse artista, que passou grande parte de sua vida em Divinópolis, mas encontrar uma forma de apresentá-lo aos alunos, despertando não só o interesse pelo tema, mas também como incentivo à percepção e aos estímulos sensoriais dos mesmos, através da observação, do estudo e da análise de suas obras, reconhecendo nelas parte de suas tradições culturais e religiosas. GTO esculpia cenas comuns ao cotidiano mineiro, como festas religiosas, festas populares e brincadeiras folclóricas, com uma riqueza de detalhes tão impressionante que as figuras interagem perfeitamente, parecendo movimentar-se "... seus trabalhos se caracterizavam pelo sentido dinâmico das figuras (em rodas, correntes e figuras aglomeradas no sentido vertical)". (Oliveira, 2005).

Conhecendo e estudando as obras de GTO, os alunos poderão ter contato com a Arte Popular através de um artista local, identificando suas características e particularidades, percebendo-a como um campo da Arte onde se destacam a espontaneidade, o sentimento e a visão do artista, o que, segundo Ana Mae Barbosa, é muito importante para a formação da identidade nacional:

"Não é possível conhecer um país sem conhecer e compreender sua arte. Um país só pode ser considerado culturalmente desenvolvido se ele tem uma alta produção e também uma alta compreensão dessa produção [...] A linguagem visual nos domina no mundo lá fora e não há nenhuma preocupação dentro da escola em preparar o aluno para ler essas imagens. O público quer conhecer; falta educação para a arte" (BARBOSA, 2007).¹

¹ BARBOSA, Ana Mae. Arte como educação e cidadania: depoiment [03/04/200]. Agência USP de Notícias: A participação na arte como educação e cidadania. Disponível em <http://www.usp.br/agen/bols/2000/rede529.html> . Acesso em 19 ago.2010.

Esta pesquisa pretende criar condições para que alunos e professores tenham acesso a um bem cultural local, entendendo o significado das obras desse grande artista para a cultura regional e nacional. Para seu desenvolvimento, serão feitas visitas a bibliotecas, a museus e à Secretaria Municipal de Cultura da cidade de Divinópolis (MG), onde serão pesquisadas matérias, críticas, fotos de obras, entrevistas e relatos sobre a vida e o obra do artista.

O presente texto busca aproximar Arte e espectador, envolvendo exercícios conjuntos de ver, pensar, intuir, imaginar, sentir, conhecer, analisar e se expressar, ampliando não só o conhecimento dos alunos sobre a Arte como o apreço e o gosto pela mesma.

CAPÍTULO 1 - GTO: o escultor dos sonhos

Geraldo Teles de Oliveira nasceu na cidade de Itapeçerica, região Centro-Oeste de Minas Gerais, no dia 01 de janeiro de 1913. Seus pais eram o Sr. Joaquim Teles de Oliveira e a Sra. Jovelina Paiva de Oliveira.

Aos quatro meses de vida ficou órfão de mãe e mudou-se para a cidade de Divinópolis, também no centro-oeste mineiro, para morar com a família paterna.

Quando criança, Geraldo Teles de Oliveira dedicou-se aos serviços rurais, como a maior parte de sua família. Por ser membro de uma família humilde, não teve muito acesso à escola e só estudou até o terceiro ano.

No final de sua adolescência, trabalhou como servente de pedreiro na construção da Usina do Gafanhoto, em Divinópolis, e, aos 22 anos, tornou-se guarda sanitário do extinto Serviço Nacional da Malária; aos 28 anos foi transferido para o Rio de Janeiro, onde atuou como vigia noturno.

Quando retornou a Divinópolis, trabalhou como moldador e fundidor, prestando serviço a várias siderúrgicas da própria cidade e de Belo Horizonte.

No início da década de 60, Geraldo Teles de Oliveira tornou-se rondante das obras da construção do Hospital São João de Deus, em Divinópolis, e foi somente a partir daí que começou a esculpir.

Suas primeiras obras eram apenas pequenas peças feitas com pedaços de madeira que encontrava pelo chão das obras, e que moldava com o auxílio de um canivete. O artista GTO, porém, só surge depois de um sonho que teve, onde Deus lhe mostrava a madeira e as esculturas que deveria fazer – fato que gostava de contar para todas as pessoas.

“GTO começou a esculpir impelido por um sonho obsessivo que todos os dias lhe indicava o caminho da vida futura. A primeira escultura reproduzia exatamente o que esculpia o sonho. Foi um grande susto. Depois, novos sonhos, novas esculturas. O impulso criador movendo suas mãos sobre a madeira prenhe de vida. Da necessidade vital de criar – expressar-se claramente na repetição dos sonhos –, GTO se agigantou numa turbulência surpreendente. E foi povoando o mundo de anjos, homens cordiais, santos guerreiros, reis e sereias, cativos e dançadores, um mundo cheio de figuras ansiosas por luz e ar, transitando nos espaços longínquos

de antigas fábulas para refazer a poesia da existência, da capacidade criadora do próprio artista.” (SAMPAIO, Márcio [s/d]).²

Aos 52 anos de idade, em meados de 1965, GTO começa a expor suas primeiras obras ao público. Para tal, utilizava as janelas de sua casa, situada na Rua Rubi, 271, no bairro de Niterói, em Divinópolis.



Figura 1 - Placa na entrada do Museu/Residência GTO – Divinópolis/MG

² SAMPAIO, Márcio. *No rastro mágico da Arte*. NET, Belo Horizonte, [s/d]. Seção Ensaios. Disponível em <<http://www.crap-mg.art.br/ensaios/ensaios.asp?ID=10>>
Acesso em: 28 ago. 2010.

O artista plástico Heraldo Alvim foi o primeiro a registrar o surgimento desse novo escultor, em um artigo chamado "Rua Rubi 271" publicado no jornal A Semana, de 13 de maio de 1966.

"Encontrei Geraldo Teles. Escultor de arte popular, nada mais. Teles trabalhou 10 anos na Malária e por fim virou rondante. Depois largou de rondar. Há mais ou menos quatro meses atrás que ele se dedica à arte. Muito alegre, um pouco idoso, ele enche seu tempo esculpindo figuras populares ou de santos. Vi trabalhos dele em madeira e em todos eles nota-se a expressão alegre, tranqüila. Teles faz seus trabalhos apenas por intuição. Pode ser que vá evoluir, pode ser que não." (Heraldo Alvim, in "A Semana", Divinópolis, 13 de março de 1966.)

A partir daí, a carreira do escultor teve um crescimento espantoso e GTO passou a participar de exposições de Arte, dentro e fora do país. Os sonhos representados nas obras surpreendentes de GTO rompem as fronteiras do bairro Niterói e de Divinópolis, ganhando o mundo.



Figura 2 - Foto de capa do catálogo da exposição "Cinco anos sem novos sonhos de GTO"

1.1. O artista – vida e obra

De baixa estatura, franzino, com um largo sorriso no rosto, GTO representava a típica figura do caipira mineiro: de família humilde, agricultor, católico. Em sua obra aparece claramente essa formação, misturando a fé e a incrível capacidade criativa para representar a dualidade do mundo conforme via e sentia.

GTO começou a esculpir impelido por sonhos e visões que teve, enquanto trabalhava como guarda noturno no Hospital São João de Deus, em Divinópolis. Suas obras são um exemplo de simplicidade típica do artista sem formação em Arte, uma forma autêntica, espontânea e expressiva para representar cenas do cotidiano mineiro, misturadas às cenas religiosas e da sua imaginação.

Sua primeira escultura foi feita em 1965 e, a partir daí, não parou mais. Descoberto pelo arquiteto Aristide Salgado, GTO foi lançado pela Galeria Guignard, de Belo Horizonte, que promoveu sua primeira exposição individual em 1967.

Depois da primeira exposição, não faltaram convites para expor no Brasil e no exterior. Durante a década de 70, GTO participou de dezenas de exposições em Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Bruxelas, Paris, Milão, Veneza, saindo, inclusive, premiado de várias delas.

As obras de GTO encantaram críticos de arte do mundo todo, tanto pela simplicidade, quanto pela complexidade que apresentam. A fama, porém, não alterou muito sua vida, sua rotina; ele continuou fazendo suas esculturas na varanda de sua casa, passeando pelas ruas do bairro e frequentando a igreja do Santuário do Senhor Bom Jesus, também no bairro Niterói, em Divinópolis.

1.2. Condições de execução da obra: material e formas trabalhadas por GTO

A matéria-prima escolhida por GTO para dar vida às suas obras foi a madeira. As madeiras mais utilizadas pelo artista eram o cedro-vermelho, a maçaranduba-amarela, a cabiúna, o vinhático e o jacarandá amarelo e roxo.

GTO não tinha ateliê, esculpindo suas peças na varanda dos fundos de sua casa, em uma bancada improvisada. O artista gostava de iniciar seu trabalho a partir de um único bloco de madeira e então começava a dar forma à peça com o auxílio

de um serrote e uma machadinha. Depois que o bloco de madeira já estava desbastado, GTO utilizava um lápis para desenhar um esboço do que iria esculpir.



Figura 3 - GTO esculpindo na varanda de sua casa

Quando o esboço da obra já estava desenhado na madeira, começava o processo de moldar, de escavar na madeira, fazendo surgir as primeiras figuras. Para escavar a madeira, modelando figuras, personagens e detalhes, GTO utilizava martelo, formão, goiva e canivete, criando assim fantásticos efeitos de cheio e vazio, marca registrada de suas obras.

A verticalidade e a tridimensionalidade eram muito exploradas pelo artista em suas obras, talvez numa tentativa de alcançar o céu, as alturas, de querer comungar com o divino. Muitas vezes, GTO utilizou a superposição de três ou quatro círculos esculpido com figuras vazadas para conferir verticalidade à sua obra.



Figura 4 - Escultura em duas faces

O círculo e as correntes também são muito utilizados em suas obras, e aparecem sempre nas famosas mandalas do artista. O círculo ou roda, como dizia GTO, representa o ciclo da vida, a interdependência entre as pessoas representadas, sempre em contato umas com as outras, numa composição perfeita.



Figura 5 - Roda da Vida, GTO – 1979

GTO nunca teve formação acadêmica em Arte, era autodidata. Um dia, simplesmente começou a esculpir na madeira as cenas que via em seus sonhos, e por isso não se considerava um artista, como declarou em entrevista à Fundação Clóvis Salgado “Eu não sou artista, não. Artista tem professor e eu não tive. Minha família vivia na roça, não tinha escola perto. Eu sou analfabeto, fui pouco na escola e saí no terceiro ano. Agora só sei assiná meu nome. Assino GTO pra facilidade” (F.C.S/ Mar. 1988 – Ponta de Lança – pág.12).

1.3. Utilização dos elementos para destacar a espacialidade e conferir movimento

As obras de GTO são muito complexas e ricas em detalhes e apresentam, de forma autêntica e expressiva, cenas do cotidiano mineiro, como danças regionais, brincadeiras típicas e festas religiosas, fundindo de um jeito perfeito figuras humanas e formas geométricas, fazendo com que lembrem as engrenagens que

fazem uma máquina funcionar. “É incrível o movimento dessas figuras. Parece que estão se mexendo.”, disse o historiador Alberto Costa e Silva, em entrevista ao Jornal do Brasil.

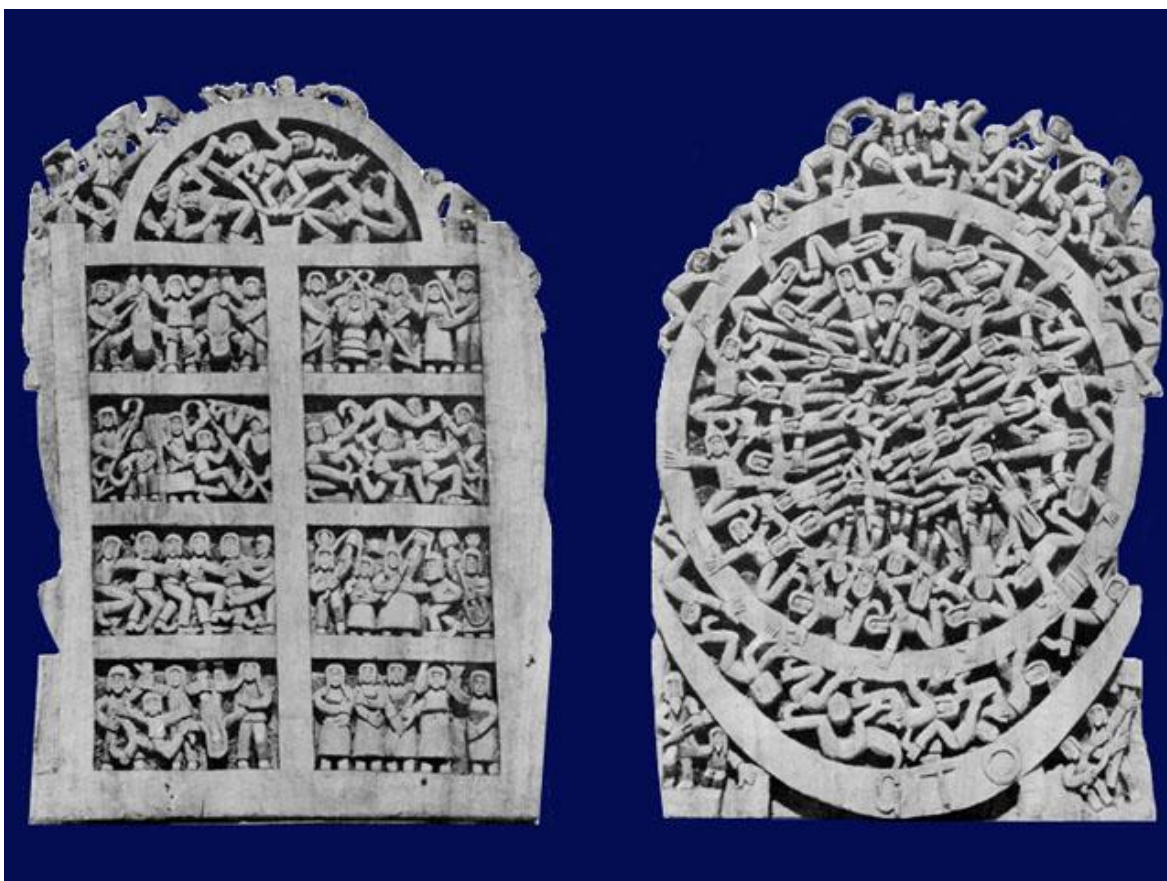


Figura 6 - Roda Viva, GTO - 1974

GTO utilizava as formas geométricas e as figuras humanas repetidamente em sua obra, recurso utilizado desde a Mesopotâmia (4.000 a.C.), para dar a idéia de movimento. “Gosto mesmo é de movimento, dar movimento nas minhas peças igual a essas danças que põe a mão no ombro do que vai na frente puxando” (GTO, 1988). Essas figuras formam uma espécie de teia, uma trama humana tecida com figuras que se tocam, se unem, como se disso dependesse o equilíbrio e a harmonia do mundo, da vida.

“... A constante mais evidenciada de suas peças – nas quais, curiosamente, encontramos similitude com a escultura negra africana – é o elemento onírico, envolvendo o acúmulo de figuras sobre figuras ou movimento sincopado dos brinquedos móveis à manivela.” (PONTUAL, 1973)³

As figuras humanas aparecem com feições parecidas, cabelos delineados em rostos desproporcionais, voltados para o lado, de onde saltam olhos que parecem observar o espectador. Seus corpos se tocam, as mãos tocam outras figuras, os pés também tocam outros corpos, representando a união entre os povos.

Outra constante nas obras de GTO é o fato de elas serem bifaces, reflexo da vontade de representar os dois lados da vida, o contínuo, a ambivalência dos opostos.

“Ao falar de dualismo é fundamental acentuar o permanente caráter biface da escultura de GTO. Todos os seus trabalhos, com raras exceções, se apresentam trabalhados dos dois lados. Isto refletiria o desejo de permanecer num presente contínuo, réplica da eternidade, pelo domínio do passado e presente contemplados simultaneamente. As peças pequenas, também bifaces, constituem na realidade elementos isolados dos grandes conjuntos, embora sejam todas resolvidas plasticamente, refletindo a mesma composição dinâmica, no arranjo das figuras humanas.” (FROTA, 1975).⁴

³ PONTUAL, Roberto. *Arte/Brasil/hoje: 50 anos depois*. São Paulo: Collectio Artes, 1973. p.179.

⁴ FROTA, Lélia Coelho. Homem: templo no centro de si mesmo, na roda-viva de G. T. O. In: _____. *Mitopoética de 9 artistas brasileiros: vida, verdade e obra*. Rio de Janeiro: Ed. Fontana, 1975.



Figura 7- Sem título, GTO - 1972

Por menores que sejam as obras de GTO, elas apresentam elementos plásticos que refletem dinamismo, movimento, equilíbrio e grande harmonia.

1.4. Críticas sobre a vida e a obra do artista

Mesmo sem nunca ter freqüentado escola de Arte, GTO esculpia com maestria, dando origem a peças muito expressivas, que retratam o cotidiano do povo mineiro, caboclo. As obras de GTO possuem uma harmonia geométrica impressionante, onde círculos, quadrados e figuras humanas compõem obras de beleza e expressividade únicas. GTO aproveitava todos os espaços em suas obras, preenchendo com vazados e figuras humanas em posições variadas que se tocam, se unem formando uma composição que lembra a corrente da vida, a interdependência entre as pessoas.

GTO conquistou os críticos de arte do Brasil e do mundo com seu trabalho cheio de beleza, harmonia e expressividade.

"É freqüente a presença da corrente, ligando os homens uns aos outros, ou aos blocos centrais da madeira. Na porta de sua casa, na Rua Rubi, em Divinópolis, vemos o seu retrato em vulto redondo, de meio corpo, esculpido e pintado. Ele se representou de longos cabelos, que aliás usa, e barba, figurando o tipo messiânico oriental de Cristo. Em torno do pescoço, vê-se uma corda, atada com um nó. Essa figura será talvez uma réplica do também mártir Tiradentes, que ele fez para o prefeito de São João del Rei. Mas é inequivocamente o auto-retrato de GTO, e sua identificação à casa, colocando-o na entrada da mesma, que vem corroborar essa intenção. "

(Frota, Lélia Coelho. Homem: templo no centro de si mesmo, na rodovia de G. T. O. In: ---. Mitopoética de 9 artistas brasileiros: vida, verdade e obra. p. 97.)

Figuras 8 e 9 - Autorretratos



“Uma das qualidades essenciais de suas esculturas é a sinceridade: não há receio em depor todas as coisas que sonha, sobre este mundo caótico que o artista penetra no sonho, onde há medo, terror, erotismo.”

(Márcio Sampaio, in “Suplemento Literário de Minas Gerais”, Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 1969.)

“GTO, abreviatura que era quase anonimato, ganhou notoriedade, foi mostrado no Copacabana Palace e em Bratislava, cotado como produto industrial, disputado, valorizado, agenciado, aprisionado.”

(Calos Drummond de Andrade, in “Estado de Minas”, Belo Horizonte, 23 de janeiro de 1973.)

“Diz GTO que esculpe o que sonhou. É possível que daí venha o caráter fantástico de seus trabalhos, mas seus sonhos não apagam as traços populares de personagens e suas roupas, mantendo, inclusive, reminiscência dos ex-votos se analisarmos algumas caras isoladas. Não nos ocorre nenhum outro escultor popular brasileiro que tenha trabalhado a madeira tão minuciosamente e em tais proporções”.

(Harry Laus, crítico do “Jornal do Brasil”, Rio de Janeiro.)

“A singularidade e inegável inanimação narrativa de suas esculturas, de múltiplos lavrados geométricos, por vezes, de sabor anedótico, dramático ou pungente, engloba legiões de seres exaltados por sua imaginativa cabocla, fruto de complexos remanescentes da historicidade de nossa gente. Em sua onírica reflexão vivencial GTO volta às origens, para inserir, no contexto existencial de sua obra, as mais secretas mensagens.”

(Conceição Piló, in catálogo “O Saber Fazer do Autodidata”, Museu de Arte Moderna da Pampulha, 1976.)

“O ser humano puro mesmo, feliz como um pássaro, livre como um cavalo está cada vez mais escasso, nessa civilização que suprimiu a individualidade. A rigor, conheço apenas algumas crianças e GTO.”

(Lázaro Barreto, in “A Semana”, Divinópolis, 19 de maio de 1972.)

“O fato de não verbalizar sua produção é a única coisa que separa GTO de artistas contemporâneos como Tunga e Amílcar de Castro”.

(Cesar Aché, marchand, jornal “O Globo”, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1989.)

"GTO confere a seu trabalho essa perspectiva singular, que é, ao mesmo tempo, a fé no ofício e na própria capacidade de criar formas ‘belas’ que refletem o es-

panto ante o mundo em que vive. Nas suas esculturas ele aborda temas variados: as danças, as festas religiosas e toda a sarabanda da vida do interior de Minas, além de alegorias sobre acontecimentos e vultos de que ouviu falar e sobre um grande mito: a máquina. É o próprio escultor quem afirma que suas peças são 'o retrato das coisas com que sonhei'. Ele sonha com os demônios e as feras, a guerra, o apocalipse, a morte; não sabe explicar seus pesadelos senão com imagens que esculpe. Uma das qualidades essenciais de sua escultura é a sinceridade. Na sua simplicidade e ingenuidade, pode colocar-se como um dos eleitos, um dos que se deixaram possuir pelo fogo sagrado; intérprete da 'vontade de Deus', ele transpõe para os planos terrenos a Sua vontade, fazendo dela sua mais alta inspiração".

(Sampaio, Márcio. In: Salão Global de Inverno, 6. [Catálogo]. n. p.)

"Toda a atitude e o trabalho de GTO revelam típico envolvimento mágico com a realidade, exemplificando, de modo muito exato, a mecânica do comportamento arcaico. Sem nunca ter realizado anteriormente qualquer peça de escultura, começou, por volta de 1965, a desbastar grandes blocos de madeira para com eles concretizar uma necessidade incoercível de expressão. Desde algum tempo antes vinha experimentando visões noturnas que o atormentavam, especialmente enquanto trabalhava como vigia de um hospital em Divinópolis; a essas visões somaram-se sonhos diurnos, até que, durante um deles, se viu a si próprio esculpindo, o que tomou como ordem sobrenatural impelindo-o a buscar imediatamente a madeira e alguns instrumentos toscos e a dar início à tarefa de intermediário-artista. A constante mais evidenciada de suas peças - nas quais curiosamente encontramos similitude com escultura negra africana, sobretudo dos bamilekés, da República dos Camarões - é o elemento onírico, envolvendo o acúmulo de fi-

guras sobre figuras ou o movimento sincopado dos brinquedos móveis a manivela".

(Pontual, Roberto. Arte/Brasil/hoje: 50 anos depois. p. 179.)

“A obra de GTO não é só inquietante. Ela é, também, perturbadora. Sua densidade expressiva, fortemente ligada à estética da Arte Popular, a tornou marcante e respeitada nos meios artísticos e fora deles. Para a revista Pampulha, GTO explica de onde vem tamanha inquietação. Cada uma de suas peças, segundo ele, é a representação formal de seus sonhos - perturbadores e imperativos – que exigem dele a sua transformação em escultura. A fala simples do artista explica uma mitologia complexa e rica, como a do deus transmutado em indígena que ele, em sonho, viu ensinar a um povo de uma tribo os seus costumes. Esculpir, neste caso, não é uma escolha, mas uma ordem interior a que GTO felizmente não pode escapar. Ao atender a ela, oferece a todos nós o trabalho de um artista fabuloso.”

(Sylvio E. de Podestá)

“GTO é, para mim, um desses casos raros de vocação iluminada. A força de sua escultura, a universalidade de sua expressão, confirmam o milagre da existência dessa energia criadora que ainda – e apesar de tudo – existe e reside no seio do povo”.

(Márcio Sampaio, in “GTO: A mão do homem cria a forma de Deus”, Revista Minas Gerais, Dezembro de 1987.

CAPÍTULO 2 - A Arte Popular brasileira

A Arte Popular é um retrato da cultura de um povo. É a arte feita pelo povo sem formação acadêmica, ou, em grande parte, sem instrução básica, que apresenta características que a miscigenação cultural criou. A Arte Popular brasileira mistura traços das culturas portuguesa, indígena e africana.

Essa manifestação artística retrata nossas tradições, costumes, festas religiosas e pagãs, expressando valores e emoções presentes em nossa cultura, revelando a sabedoria de nosso povo. Em qualquer parte do mundo, alguém pode estar fazendo um objeto, uma escultura ou, ainda, dançando, como faziam seus antepassados. “Arte Popular é uma arte que apela inconscientemente ao emocional da memória que vem à tona assim que olhamos para uma obra que, sem que percebamos, nos fisga olhar e encanta”, disse Marco Aurélio Jafet em entrevista à “Revista Brasileiros”.

A Arte Popular é bastante ampla e abrange desde danças, músicas, dramatizações, literatura, artes plásticas e arquitetura.

Na Arte Popular brasileira destaca-se a escultura, que se desenvolve em todos os rincões do país. Na escultura popular, os materiais empregados são simples, de fácil acesso e encontrados na região onde vive o artista. Num país tão grande e rico em recursos naturais como o Brasil, a escultura encontrou um vasto campo para se desenvolver. Nossos escultores têm disponíveis tantos materiais que desenvolveram expressivas esculturas na madeira, pedras, argila, fibras, metais.

Suas obras têm valor estético e artístico e revelam aspectos culturais do meio onde surgiram.

A Arte Popular, muitas vezes, é confundida com o artesanato, mas, apesar de terem semelhanças, várias características os diferenciam. O artesanato envolve o fazer o objeto e a venda do mesmo. O artesão fabrica a peça manualmente, domina a técnica do fazer, transmite o conhecimento e utiliza dessa produção para sua sobrevivência, vendendo objetos com sentido utilitário, porém, nem sempre dominam o processo de criação da obra.

Já na Arte Popular, o artista pode se utilizar do mesmo material e técnica do artesão, porém ele desenvolve o processo de criação da obra colocando nela seus

sentimentos, sua expressividade, desenvolvendo obras com características únicas.

“O que caracteriza o artesanato é basicamente o manuseio do material, a forma de se transmitir o conhecimento e de se aprender. Tanto o artista como o artesão precisam saber manusear seus materiais, caso contrário o pote que for queimado de forma errada pela artesã irá quebrar, fazendo com que ela perca semanas de trabalho, por exemplo. Da mesma forma, a escultura do artista, cuidadosamente modelada, pode se romper. Ambos devem dominar a técnica e os segredos para executar suas obras. Em outras artes, além do aperfeiçoamento que se adquire pelo estudo das técnicas empregadas ao longo da história, o artista inova dando uma solução pessoal e desenvolvendo uma técnica individual”. (TIRAPELI, 2006)⁵

Na Arte Popular nem sempre conseguimos identificar o autor das obras, pois nem sempre elas são assinadas. O artista não se preocupa com o valor de suas obras, como disse Luiz Fernando Vieira Tropicia, membro da Comissão Mineira de Folclore, em entrevista à revista *Isto é Minas* “O artista é extremamente ingênuo e não consegue estimar o valor de sua obra. Com isso vende suas peças a preços bem baixos, que são revendidas com margens altas de lucros pelos lojistas”.

A Arte Popular constitui um patrimônio imaterial e cultural do povo brasileiro, mostrando toda a nossa diversidade e riqueza cultural, em sua expressividade criativa.

2.1. Alguns artistas que se destacaram na Escultura Popular brasileira

O Brasil, além de ser um país com ampla biodiversidade, é também muito rico em manifestações artísticas populares. A Arte Popular reconhece a cultura regional, valorizando o ser humano e suas atividades cotidianas.

⁵ TIRAPELI, Percival. *Arte Brasileira, Arte popular*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006 – (Coleção arte Brasileira). p. 26 e 27.

As obras produzidas pelos artistas populares contribuem para a conservação das características culturais de um povo, e nos mostram que nem sempre quem influi na cultura são as pessoas mais cultas.

Os materiais utilizados por esses escultores também variam de acordo com sua região de origem, mas a argila e a madeira são os mais utilizados em todas as regiões do país.

Cenas quotidianas, festas religiosas e populares, imagens sacras ou saídas do imaginário revelam a sensibilidade, a criatividade e a capacidade de expressão desses artistas que, mesmo sem nunca terem estudado Arte, são capazes de criar obras com tanta qualidade.

Vários nomes se destacam na Escultura Popular brasileira. Artistas surgem em todas as regiões do país, sendo a grande maioria de origem humilde, com pouco estudo, autodidatas.

2.1.1. José Valentim Rosa

Nascido no interior de Minas Gerais, na década de 1910, em uma família de origem humilde, Valentim Rosa dedicou-se a várias funções antes de se descobrir escultor. Foi trabalhador rural, guarda-de-linha na Estrada de Ferro Central do Brasil, além de funcionário de uma fábrica de manteiga.

Valentim utilizava galhos e troncos de árvores para fazer suas obras, aproveitando suas características naturais, como curvas e vãos, para compor obras de grande harmonia.

O escultor, herdeiro de rica tradição rural/africana, revelou em suas obras uma visão de mundo cosmogônica, juntando animais, homens e plantas em uma única peça.

Valentim esculpia cenas de seu quotidiano e cenas religiosas, criando obras que possuíam muitas faces e muitos vazados.



Figura 10 - Sem Título – José Valentim Rosa

2.1.2. Mestre Vitalino

Vitalino Pereira dos Santos nasceu em Caruaru (PE), em 1909. Filho de lavradores, teve contato com escultura desde criança, usando a sobra da argila utilizada pela mãe para fazer panelas, para modelar pequenos animais que vendia no mercado de Caruaru.

Mestre Vitalino só ganhou destaque nacional como ceramista em 1945, quando participou da primeira Exposição de Cerâmica Pernambucana no Rio de Janeiro, organizada pelo desenhista e educador Augusto Rodrigues.

"Dotado de forte senso estético, produz obras que, na maturidade, atraem a atenção de críticos e colecionadores de arte. Em 1947, por iniciativa do pintor Augusto Rodrigues, de quem se torna amigo, tem algumas esculturas expostas no Rio de Janeiro, com sucesso. Esta exposição é hoje considerada um marco na história do interesse pela arte popular, não só por revelar ao grande público a obra de Vitalino, como também por chamar a atenção sobre a existência desse gênero de criação em diferentes regiões do país.(...) Mestre Vitalino criou uma narrativa visual expressiva sobre a vida no campo e nas vilas do nordeste pernambucano (...)". (MASCELANI, 2002)⁶

A inspiração para criar suas obras Vitalino buscou em sua vida, na vida das pessoas que viviam em sua região. Figuras de animais, cenas de batizados, de casamento, cangaceiros, soldados, políticos, tocadores de pífaros, maracatu e até mesmo cenas de enterros são comuns nas obras de Mestre Vitalino. O humor e a poesia fazem parte da criação do mestre, e suas obras mostram um lado lírico, uma outra forma de ver a vida dura e sofrida do povo sertanejo.



Figura 11 - Agricultor trabalhando na roça - Mestre Vitalino

⁶ MASCELANI, Angela. [Mestre Vitalino]. In: _____. *O Mundo da arte popular brasileira*: Museu da Casa do Pontal. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p.138.

Para dar cor às suas peças, no início, Mestre Vitalino utilizava argila de tonalidades diferentes; depois, passou a utilizar tintas industriais, que deixavam as obras bem alegres e divertidas mas, a partir de 1953, deixou de pintá-las resolvendo mantê-las na cor da argila queimada.



Figura 12 - Retirantes - Mestre Vitalino



Figura 13 - Retirantes - Mestre Vitalino

Mestre Vitalino deixou grande número de discípulos, entre parentes e alunos, que até hoje continuam produzindo, com o mesmo tema e com características muito próximas às do seu trabalho.

Apesar de ter conquistado reconhecimento dentro e fora do país, Mestre Vitalino morreu pobre, no ano de 1963, e sua casa foi transformada na Casa Museu Mestre Vitalino.

2.1.3. Antônio Poteiro

Antônio Batista de Souza nasceu na cidade de Braga, em Portugal, no ano de 1925 e imigrou para o Brasil em 1926, com sua família. Residiu em São Paulo, mas só iniciou sua atividade de ceramista quando morou em Minas Gerais. No

início só produzia peças utilitárias. Antônio herdou do pai a habilidade para fazer potes e seguiu seu caminho na Escultura esculpindo santos de barro.



Figura 14 - Sem título - Antônio Poteiro



Figura 15 - Pote - Antônio Poteiro

Em 1957, o artista adotou o apelido de Antônio Poteiro e, pouco a pouco, foi agregando temas comuns da cultura regional, do cotidiano e da religião às suas obras.

Somente a partir da década de 70 passou a ser reconhecido como ceramista, participando de exposições dentro e fora do Brasil.

Suas obras possuem características únicas, sendo repletas de pequenas casas, animais, riachos, pessoas e detalhes que não deixam espaços vazios. Poteiro

utilizava a perspectiva primitiva, fazendo a representação lateral das pessoas e animais e frontal dos objetos.



Figura 16 - Nossa Senhora - Antônio Poteiro

"Poteiro não gosta de teoria sobre seu trabalho. 'Eu não sei quem sou, só sei que pego o barro e faço', resume. Meio ranzinza, completa: 'Não sei por que o povo complica demais as coisas'. É isso que ele é: um contador de histórias. Desenha, com capricho, os segredos, angústias, esperanças, preconceitos e a generosidade da gente do interior. Às vezes, Poteiro vira João-de-Barro, o pássaro que constrói seu ninho com a solidez da arquitetura do instinto, da criatividade. Poteiro traz, na base do seu trabalho, aquela sua vida de homem do interior, singela e segura, em que as pessoas faziam farinha, lavavam sua roupa, aravam sua terra e as crianças brincavam em quintais. É essa sua vivência e ideal. A escultura cresce, as figuras amontoam-se em espaços cada vez menores, espremem-se em torno de aparelhos de televisão, empilham-se até os pisos dos telhados, é o protesto tímido do homem do interi-

or contra as pessoas que desaprenderam de conversar: 'Ficaram mudas diante da tevê', reclama". (DIAS, 1991)⁷

2.1.4. Jofe dos Santos

José Maria Ferreira dos Santos nasceu em Sabinópolis, interior de Minas Gerais, no ano de 1955.

Autodidata, passa a se dedicar à Arte no final da década de 60. Utilizando a forma humana como inspiração, Jofe se expressa com extrema sensibilidade, produzindo obras de grande beleza.

O artista utiliza materiais bastante diversificados para criar suas peças, esculpe em pedra sabão, madeira, mármore, isopor, argila, pó de pedra com cimento, granito, entre outros.



Figura 17 - Mulher - Jofe dos Santos

⁷ DIAS, Etevaldo. A arte dos potes. In: BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO, 21., 1991, São Paulo, SP. *Catálogo geral*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: Marca D'Água, 1991. p.185.



Figura 18 - Casal - Escultura em pó de pedra e cimento - Jofe dos Santos

As figuras esculpidas por Jofe se enquadram numa linguagem expressionista, pois o artista exagera a realidade humana, deformando-a, manipulando-a. Modifica a realidade fazendo com que suas obras expressem sentimentos e percepções.

Atualmente, Jofe também trabalha na festa popular mais famosa do Brasil, o Carnaval, fazendo gigantescas esculturas de isopor para ornamentar carros alegóricos, contando a história do enredo escolhido pela escola que representa.

O artista é constantemente convidado para expor no Brasil e no exterior.

2.1.5. Ananias Elias

Escultor autodidata, nascido em 1925 na cidade de Varre-Saia, interior de Minas Gerais, foi lavrador e padeiro antes de começar a se dedicar à escultura, e só o fez quando já estava com mais de 50 anos.

Ananias viveu muito tempo junto com os índios krenaques, e nesse tempo aprendeu muito sobre plantas, animais, sobre a natureza em geral. Apesar de ser negro, Ananias se identificou muito mais com a cultura cabocla que com a africana.

Ananias gostava de utilizar jacarandá e aroeira para esculpir. Em suas obras predominam o natural, a figura humana, como moças, rapazes, mães com filhos no colo, e os animais. Nelas era comum o aspecto sertanejo das figuras. Temas políticos e religiosos não eram abordados pelo artista.



Figura 18 - As três Marias - Ananias Elias, sd

2.1.6. Maurino Araújo

Maurino nasceu em Rio Casca, Zona da Mata de Minas Gerais, em 1943. Estudou durante algum tempo em seminários e escolas religiosas, e desde pequeno demonstrava habilidade para o desenho.

Começou a esculpir como uma forma de distração, mas pouco a pouco a escultura acabou conquistando enorme espaço e importância em sua vida.

Maurino escolheu a madeira para dar vida às suas obras, as quais esculpia com ajuda do formão e da grosa, retirando pedaços da madeira, dando forma a belíssimas obras, em grande parte empregando o cedro.

As peças esculpidas por Maurino têm inspiração nos temas religiosos e apresentam uma intensa expressão de um sofrimento contido, como se carregassem um fardo muito pesado, uma grande responsabilidade. Seu corte é bem forte, dramático, as figuras são atarracadas, com corpos torcidos, pele clara, roupas e adereços escuros. Dessa fase diz o próprio artista: “Não nego que o sofrimento estampado na face dos meus santos seja o sofrimento da própria humanidade. Nas classes humildes, as pessoas são mais próximas, sentem e sofrem juntas uma dor que se torna comum”.



Figura 19 - Agonia de São Francisco - Maurino Araújo

Depois que passa a ser reconhecido e expor dentro e fora do país, Maurino conhece novos escultores, novas técnicas, novas culturas e modifica seu estilo de esculpir, passando a criar peças mais delicadas, com formas mais sensíveis, sem a marca da goiva que caracterizava seus primeiros trabalhos. Começa a esculpir figuras com formato mais humano, mais real.

2.2. Considerações sobre a Escultura e os escultores populares do Brasil

Como já foi destacado anteriormente, a grande maioria dos artistas populares não teve acesso ao estudo, provenientes de famílias pobres, humildes, que moravam na zona rural. Utilizavam materiais disponíveis em sua região para dar vida à sua obra, porém a argila e a madeira foram os materiais mais escolhidos, já que são encontrados em todas as regiões do país.

Esses artistas começaram a esculpir impelidos por tradições familiares, ou por manifestação de um dom, de uma vontade de expressar o que pensavam ou sentiam nas obras que produziam, e nunca tiveram acesso ao conhecimento técnico de escultura.

Demoraram muito para conseguir reconhecimento no meio artístico pois, para muitos, sua arte era demasiada simples, e assemelhava-se mais ao artesanato que à Arte institucionalizada.

Com o passar do tempo, a Arte Popular ganhou espaço nas exposições dentro e fora do Brasil e, a partir daí, muitos desses artistas conseguiram reconhecimento no meio artístico, expondo seus trabalhos em mostras no Brasil no exterior.

Apesar dos convites para mostras e exposições e do reconhecimento de seu trabalho, grande parte desses artistas continuou levando uma vida simples, e acabou por morrer na pobreza.

Capítulo 3 – Trabalhando Artes Visuais na sala de aula

As formas de ensinar e aprender Arte evoluíram através dos tempos. Durante o período medieval estava restrito às relações entre mestre/aluno. Na Idade Moderna surgiram as academias que possuíam disciplinas organizadas, visando o conhecimento teórico e intelectual da Arte.

Somente a partir do século XIX o desenvolvimento da Arte passou a ser ensinado nas escolas primárias e secundárias, mas com uma visão técnica, uma Arte industrial.

No início do século XX com o surgimento dos movimentos vanguardistas interessados em revolucionar as artes utilizando a intuição e a expressão para fazer Arte, a criação em vez da cópia, o ensino de Arte, aqui no Brasil, deveria ter mudado, evoluído, mas não foi isso que ocorreu. Parte pela falta de profissionais com formação e conhecimentos específicos da área, parte devido às metodologias e métodos adotados, que nem sempre conseguem despertar o interesse dos alunos para os conteúdos apresentados.

Apesar de perceber que o conceito de Arte e os movimentos e estilos se modificaram através dos tempos, foi somente através das pesquisas de Ana Mae Barbosa, na década de 80, que a Arte finalmente começa a ser vista como área de formação do conhecimento e não como simples fazer artístico. Com a abordagem triangular, fazer/contextualizar/apreciar, Ana Mae defende que o ensino da arte deve levar o aluno a conhecer, pensar, criar, pesquisar, contextualizar e apreciar, ou seja, vivenciar a arte.

“A arte na escola vai muito além do enriquecimento cultural ou do alívio das tensões. A arte tem grande importância nas transformações culturais, artísticas e sociais, possibilita que o aluno possa intervir de forma ampla e consciente no seu ambiente sócio-político-cultural, lutando para que as mudanças que acredita necessárias aconteçam”. (BARBOSA, 2008)⁸

O Ensino de Arte é fundamental para a formação cultural, intelectual e social tanto dos alunos quanto dos professores, pois trabalha a livre expressão, facilita momentos de reflexão, desenvolve a intuição e a sensibilidade além de possibilitar a

⁸ BARBOSA, Ana Mae (org.). *Ensino da Arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

aquisição de novos conhecimentos, mas apesar disso muitos de nós ainda confundimos Arte com pintar, colorir um desenho ou mesmo desenhar qualquer coisa. Arte é muito mais que isso, é uma forma de expressar e conhecer a cultura de um povo, de construção da cidadania, de representar e despertar sentimentos.

“Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino do desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípio ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de 1971 e 1973. Evoluções não tem lugar em escolas públicas.” (BARBOSA, 1975)⁹

O ensino de Artes Visuais não é diferente: trabalhando a visualidade permitimos que os alunos façam novas descobertas, que percebam possibilidades de se trabalhar com diferentes imagens explorando vários tipos de combinação entre as mesmas, contribuindo para o surgimento de novas emoções, pensamentos e percepções .

“A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal”. (PCN de Arte, pág. 61)¹⁰

Para desempenhar bem sua função o professor necessita conhecer as tendências que influenciaram e que influenciam o ensino e a aprendizagem de Arte ao longo da história da humanidade, para assim entender como está seu ensino atualmente e poder modificá-lo positivamente. O professor de Arte deve conscientizar-se que não é só um educador, mas que também é sujeito histórico, que interfere no processo de construção do conhecimento e da história humana.

⁹ BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. p.86-7. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf> . Acesso em 21 ago 2010.

¹⁰ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997. p.61.

3.1. A obra plástica de GTO e seu uso na didática

O estudo e a análise das obras de GTO podem ser muito úteis no ensino de Arte, pois, com ela, o professor pode trabalhar e destacar vários pontos fundamentais da escultura, como a tridimensionalidade, a utilização do espaço com cheios e vazios, verticalidade e horizontalidade, a utilização das formas geométricas, a harmonia e o equilíbrio necessários para a composição de uma peça, além é claro, das características da cultura regional mineira.

Ao conhecer e estudar as obras de GTO os alunos terão contato com a Arte Popular através de um artista local, identificando em suas obras, características e particularidades comuns à sua vida e cotidiano. Passarão a reconhecer a Arte Popular como um campo da Arte onde se destacam a espontaneidade, a percepção, o sentimento, a sensibilidade e a visão do artista, o que segundo Ana Mae Barbosa é muito importante para a construção da identidade nacional.

"Não é possível conhecer um país sem conhecer e compreender sua arte. Um país só pode ser considerado culturalmente desenvolvido se ele tem uma alta produção e também uma alta compreensão dessa produção [...] A linguagem visual nos domina no mundo lá fora e não há nenhuma preocupação dentro da escola em preparar o aluno para ler essas imagens. O público quer conhecer; falta educação para a arte. O público em geral sabe que a arte contemporânea, a que está nos museus é o código erudito, o código do poder. Sem dominar esse código ele se sente longe do poder sobre a sua própria cultura. [...] O fazer é muito importante para despertar a capacidade perceptiva para as nuances da construção artística. Ao mesmo tempo, nossa história da arte pretende entrecruzar a linha do tempo com a análise das obras e da relação entre seus elementos, para tentar construir seu significado" (BARBOSA, 2007).¹¹

Como o artista é da região, os alunos terão a oportunidade de vivenciar um encontro direto com suas obras através de visitas ao Museu/Residência GTO e ao Museu Histórico de Divinópolis.

¹¹ BARBOSA, Ana Mae. Arte como educação e cidadania: depoiment [03/04/200]. Agência USP de Notícias: A participação na arte como educação e cidadania. Disponível em <http://www.usp.br/agen/bols/2000/rede529.html>. Acesso em 19 ago.2010.

O professor poderá mostrar aos alunos como as cenas simples, comuns ao seu cotidiano, podem se transformar em obra de arte de acordo com a expressividade e o imaginário do artista, que a representou de modo autêntico, criativo e muito expressivo.

“Comecei e não tive que aprender a fazer nada. E nem de nada eu sou. Aquilo que Deus me falou para fazer, eu fiz pelo sonho e depois o sonho me largou um bocado e eu comecei pela criação, porque eu sou primitivo, sou criador”. (GTO, 1998)¹²

Poderá mostrar a Arte Popular como um retrato da cultura de nosso país, destacando toda a miscigenação cultural que deu origem ao nosso povo.

A Arte, desta forma, passará a ser vista como área de produção de conhecimento que contribui para formação de um ser humano mais sensível, socializado e participativo e não como uma disciplina que serve de apoio para outras áreas de produção do conhecimento.

3.2. As possibilidades de se trabalhar a obra de GTO durante as aulas de Arte

A Arte está presente na vida da humanidade desde o início de sua história, mas apesar disto, o apreço pelo assunto não surge de uma hora para outra, é parte de um processo que se constrói através do conhecimento e do contato com a Arte.

Fazer/ ensinar/aprender/conhecer Arte é um processo que envolve um conjunto de ações como pensar, analisar, intuir, imaginar, apreciar e expressar-se. É um processo que envolve a sensibilidade, que apresenta mudanças, que transforma realidades e percepções.

Para apresentar o artista para seus alunos o professor poderá agendar uma visita à Biblioteca Pública Municipal “Ataliba Lago”, onde os mesmos terão acesso a

¹² _____. MGTV – TV Integração, Divinópolis. *GTO: o talento do homem que frequentou a escola por dois anos*. Disponível em <<http://megaminas.globo.com/2011/06/02/gto-o-talento-do-homem-que-frequentou-a-escola-por-dois-anos>>. Acesso em: 02 jun. 2011.

uma palestra sobre a vida e a obra do artista, e terão como fazer uma pesquisa sobre o artista no arquivo municipal, tendo, assim, um primeiro contato com sua história, com sua vida e obra.

Ao trabalhar com as obras de GTO o professor poderá também proporcionar aos alunos um encontro ativo com a Arte. Poderá guiá-los através de visitas aos museus de Divinópolis onde se encontram expostas várias de suas obras, fazendo assim que os alunos conheçam e identifiquem as principais características das obras do artista.

O professor pode trabalhar as principais características da escultura da Arte Popular Brasileira. Os alunos poderão ver e tocar algumas obras de GTO podendo ver e sentir como o artista trabalhava suas peças e poderão, ainda, ver alguns de seus descendentes trabalhando, esculpindo peças que muito se assemelham àquelas produzidas por GTO.

Depois de conhecer e identificar as principais características das obras de GTO o professor pode trabalhar oficinas de escultura dentro da escola para que os alunos mostrem na prática aquilo que aprenderam em teoria.

O professor deve ficar atento aos resultados das oficinas, mas deve lembrar-se que o belo é relativo quando se trata de Arte.

O ensino de Arte deve possibilitar ao aluno tanto a manifestação de sua singularidade quanto o fazer sentir-se integrante de um grupo social, qual ele é capaz de transformar.

3.3. Propostas para o ensino de Artes Visuais através da arte incomum de GTO

Depois de conhecer, estudar e apreciar as obras de GTO serão apresentadas algumas propostas para o professor trabalhar o tema através de aulas interessantes, prazerosas e construtivas, despertando o interesse dos alunos para a Arte, aproximando assim, Arte e espectador.

Trabalhando com escultura o aluno se tornará capaz de perceber as diferenças entre bidimensional e tridimensional, desenvolvendo a percepção de volume e a noção de espaço ao construir sua própria obra.

3.3.1. Conhecendo e valorizando a arte popular através da obra de GTO

Objetivos

- Conhecer e valorizar o trabalho do escultor mineiro GTO.
- Identificar e relacionar aspectos presentes nas obras de GTO com aspectos do cotidiano mineiro, da cultura local e regional.
- Discutir os conceitos e as características da arte popular.
- Identificar as características da arte popular presentes nas obras de GTO.

Material

- Textos sobre a vida e a obra de GTO. Os textos “GTO: Artista de Divinópolis que ganhou o mundo através de sua obra” (disponível on line em <http://megaminas.globo.com/2011/06/01/gto-artista-de-divinopolis-que-ganhou-o-mundo-atraves-de-sua-obra>) e “GTO: o talento do homem que frequentou a escola por dois anos” (disponíveis on line em <http://megaminas.globo.com/2011/06/02/gto-o-talento-do-homem-que-frequentou-a-escola-por-dois-anos>) são um ótimo ponto de partida para o estudo.
- Vídeo Divinópolis – GTO, onde o filho do artista mostra algumas etapas da produção de suas obras e das obras produzidas por GTO. (disponível on line em <http://www.youtube.com/watch?v=U216dBmYYoQ>)
- Fotos de obras criadas por GTO.

Estratégia

- Leitura e interpretação dos textos para que os alunos conheçam o artista.
- Apresentação do vídeo e das fotos das obras do artista para que os alunos possam ter o primeiro contato com sua arte.

Observações

Depois de trabalhar o texto e exibir o vídeo o professor deve propor um debate em sala de aula, para que os alunos possam falar sobre a impressão que tiveram sobre as obras do artista.

O professor deve perguntar quais características lhes chamou mais atenção, do que eles mais gostaram, se conseguiram identificar alguma característica comum

ao seu cotidiano, se conseguiram apreender o significado de “popular” dentro da Arte.

3.3.2 . Viagem ao mundo incomum de GTO

Objetivos

- Realizar um estudo in loco das obras de GTO, no Museu/Residência GTO, criado em homenagem ao artista.
- Levar os alunos a conhecer e estudar Arte fora da sala de aula, do ambiente comum da escola.
- Explorar o potencial educativo de museus para o ensino de Arte.
- Despertar a percepção e os estímulos sensoriais nos alunos através da observação e análise das obras do artista.

Estratégias

1) Antes da visita ao museu:

- O professor deve realizar uma visita prévia à instituição para saber como poderá guiar seus alunos pela exposição.
- Depois de agendar a visita, conte aos alunos sobre a visita ao museu e explique para eles as regras para a visitação.
- Prepare uma aula sobre o tema da exposição.

2) Durante a visita:

- Lembre os alunos sobre as regras de visitação do museu.
- Guie os alunos dentro do museu, instruindo-os a prestar atenção às obras, ao material utilizado pelo artista, as formas que utilizou para compor suas obras, e sua capacidade de expressar suas emoções e tradições através de suas obras.

3) Após a visita ao Museu

- Pergunte aos alunos o que acharam da visita, peça que redijam textos sobre os assunto.
- Os alunos também podem desenhar uma obra, ou algo que acharam interessante na visita.

Avaliação

O professor deve avaliar os alunos de acordo com o interesse e a atenção que demonstraram durante a visita, e também quanto a apresentação da atividade escrita.

3.3.3. Formas, espacialidade e movimento das obras de GTO

Objetivos

- Questionar a importância e o significado das figuras humanas e das formas geométricas nas obras de GTO.
- Destacar as principais características da escultura, no campo visual, geométrico e estético, e na representação das figuras humanas.
- Conhecer diferentes formas de se realizar uma escultura.

Material

1) Para a aula teórica:

- Textos sobre escultura.

Sugestão: “Escultura – A arte que representa imagens em três dimensões” (disponível on line em <http://educacao.uol.com.br/artes/escultura-1-a-arte-que-representa-imagens-em-tres-dimensoes.jhtm>) e “Formas de Esculpir” (disponível on line em <http://educacao.uol.com.br/artes/ult1684u40.jhtm>) .

- Imagens das obras de GTO.

2) Para a aula prática:

- Argila ou massa de modelar.
- Sabonete de glicerina em barra.
- Palitos de madeira de vários tamanhos e espessuras, espátula, faca de cozinha, estilete.

Estratégias

- Leitura e interpretação dos textos organizados ou sugeridos pelo professor para que conheçam as características de uma escultura. Os textos “Escultura – A arte que representa imagens em três dimensões” e “Formas de Esculpir” disponíveis no site “UOL educação” são uma boa dica.

- Propor aos alunos a realização ou a criação de uma escultura. Deixar claro que eles podem utilizar argila, massa de modelar ou sabonete em sua criação.
- Lembrar aos alunos que eles devem se guiar ou buscar inspiração nas obras de GTO, destacando suas principais características.

Atividade

1) Trabalhando com argila:

- Peça para que os alunos forrem a mesa utilizando jornais velhos.
- Distribua para os alunos um pedaço de argila. Lembre-os que devem sempre mantê-la úmida para facilitar a modelagem.
- Cada aluno deve iniciar a produção de sua obra, utilizando palitos ou outros objetos para auxiliá-los na modelagem.

2) Trabalhando com massa de modelar:

- Inicie protegendo a mesa com jornal.
- Distribua a massa de modelar para os alunos e peça para que iniciem sua composição.

3) Trabalhando com sabão:

- Distribua os sabonetes e os instrumentos para que os alunos iniciem sua obra.
- A obra será criada através da escavação do sabão utilizando os instrumentos.

Observações

Depois que os alunos terminarem o processo de criação de sua obra, o professor poderá organizar uma exposição dos trabalhos para toda a escola.

Avaliação

No que diz respeito à avaliação o resultado final da obra não é o mais importante. O professor deve considerar a participação dos alunos durante a oficina de escultura, se seguiram todas as etapas da oficina, se demonstraram interesse e dedicação e se conseguiram terminar a obra.

3.3.4. Oficina de *Papier Collé*

Objetivos

- Conhecer e analisar as obras de GTO.
- Criar uma escultura seguindo as características das obras de GTO.
- Conhecer a técnica de *papier collé*.

Materiais

- Textos “Escultura – A arte que representa imagens em três dimensões” (disponível on line em <http://educacao.uol.com.br/artes/escultura-1-a-arte-que-representa-imagens-em-tres-dimensoes.jhtm>) e “Formas de Esculpir” (disponível on line em <http://educacao.uol.com.br/artes/ult1684u40.jhtm>).
- Para a criação da escultura:
 - Arame;
 - Revistas e jornais velhos;
 - Pincéis;
 - Tinta guache;
 - Cola branca para artesanato.

Estratégia

- Leitura, análise, interpretação e debate sobre os textos.
- Utilizar as imagens das obras de GTO como tema para a criação das esculturas.

Atividade

- Os alunos devem observar, analisar e escolher uma das obras de GTO para que sirva de modelo para a escultura que irá confeccionar.
- Depois de escolhida a escultura, os alunos deverão pensar nos materiais que melhor atenderão aos seus objetivos.
- Escolhido o material que servirá de suporte, deverão colar sobre ele pedaços de papel rasgado com a ajuda do pincel até dar forma à escultura.
- Depois que a escultura estiver pronta, deve ficar secando por cerca de 24 horas, e só depois deve ser coberta com tinta branca.
- Quando a base branca estiver seca, o aluno deve escolher a cor para a escultura e colori-la. Espere secar.

- Depois de seca, passar uma demão de cola branca para melhor acabamento, resistência e impermeabilização da peça.

Observações

Depois que os alunos terminarem o processo de criação de sua obra, o professor poderá organizar uma exposição dos trabalhos para toda a escola.

Avaliação

O professor deve ficar atento para não cobrar um resultado homogêneo de seus alunos, pois os mesmos possuem habilidades, conhecimentos e sentimentos diferentes, fazendo com que os resultados das esculturas sejam bastante variados.

Deve ser valorizado o interesse e a dedicação durante a oficina e se conseguiram terminar a obra.

Conclusão

Ao término desta pesquisa, tornou-se viável comprovar e validar a possibilidade de se trabalhar com o estudo e análise das obras do escultor GTO na sala de aula.

Fica claro que, ao trabalhar o tema, o educador terá um vasto campo a ser explorado em suas aulas. Além de trabalhar assuntos comuns à escultura como forma, espaço e dimensão, o professor poderá, também, explorar características comuns ao cotidiano mineiro, como festas religiosas e populares, brincadeiras, e cenas religiosas. O professor poderá abordar a utilização das formas geométricas e a perfeita interação entre as figuras humanas que aparecem repetidamente, dando um sentido dinâmico à obra de GTO.

Os educadores terão a oportunidade de mostrar a seus alunos que a Arte nem sempre caminha lado a lado com a formação acadêmica... que uma pessoa, mesmo sendo semi-analfabeta, pode produzir Arte, utilizando, para isso, a sensibilidade, a criatividade e o talento. Poderão mostrar aos alunos que a Arte Popular é aquela que surge espontaneamente, apelando para o emocional.

Apesar de ser um assunto tão rico e instigante, a vida e a obra de GTO ainda é um assunto pouco pesquisado, mas os educadores de Divinópolis e região têm a possibilidade de explorar o assunto *in loco*, através de visitas aos Museus da cidade, onde as obras do artista se encontram sempre expostas. Desta forma, estarão estimulando em seus alunos o gosto e o apreço pela Arte, a possibilidade de fazerem novas descobertas, despertando nos mesmos novas sensações e incentivando a formação de cidadãos com maior sensibilidade.

Ao trabalhar com as obras de GTO nas oficinas, o professor poderá possibilitar ao aluno a manifestação de sua singularidade, de sua idéias, de suas emoções. O trabalho com o tema GTO pode passar por várias ações: perceber, pensar, aprender, imaginar, sentir e, finalmente, expressar-se. Essas ações podem ser despertadas através do conhecimento das obras de GTO e também da criação de trabalhos artísticos pelos próprios alunos.

A árvore dos sonhos violentos

**UM DIA A ÁRVORE DOS SONHOS VIOLENTOS
TOMBOU SOBRE A CABEÇA DELE QUE PASSOU
A VAZAR, INOPINADAMENTE IMAGINAÇÕES:
a dança dos ícones em pré-históricas gravuras parietais
a imóvel prateleira dos ex-votos
a montanha dos deuses incas e astecas
a efígie de Assurbanipal ou de Araribóia
os perfis dos heróis da história-pátria.**

G.T.O.

**OU O PROCESSO DE EXPULSAR
OS DEMÔNIOS DO CORPO
OS DEMÔNIOS DA ALMA
- O RECURSO DE NÃO SE ENDOIDAR AO ANOITECER.
OS DEMÔNIOS DA ALMA BAIXAVAM NO CORPO
QUE VAZAVA, TRANSFIGURAVA
A SOMBRIA QUASE OPACA luz
dos criadores de deus
dos inventores de pound
(e da fratura do cerne e da peroba
saltaram índios tamoios e carijós,
negros de angola, magistrados, mineradores,
capiaus, guerreiros e o inevitável fumo ruim,
num complexo de cerimônia litúrgica,
um ritual contra a parede, bailarino,
- acorrentados inteiramente
à árvore dos sonhos violentos).**

G.T.O.

OU A RESPONSABILIDADE DA PUREZA DE MANTÊ-LA.

(Lázaro Barreto)

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Ensino da Arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FROTA, Lélia Coelho. Homem: templo no centro de si mesmo, na roda-viva de G. T. O. In: _____. *Mitopoética de 9 artistas brasileiros: vida, verdade e obra*. Rio de Janeiro: Ed. Fontana, 1975.

FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro: século XX*. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2005.

PONTUAL, Roberto. *Arte brasileira contemporânea: Coleção Gilberto Chateaubriand*. Apresentação Pereira Carneiro; tradução Florence Eleanor Irvin, John Knox. Rio de Janeiro: Edições Jornal do Brasil, 1976. 478 p., il. color.

PONTUAL, Roberto. *Entre dois séculos: arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand*. Prefácio Gilberto Chateaubriand; apresentação M. F. do Nascimento Brito. Rio de Janeiro: Edições Jornal do Brasil, 1987. 585 p., il. color.

PONTUAL, Roberto. *Arte/Brasil/hoje: 50 anos depois*. São Paulo: Collectio Artes, 1973. p.179.

TIRAPELI, Percival. *Arte Brasileira, Arte popular*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006 – (Coleção arte Brasileira).

ZANINI, Walter (Org.). *História geral da arte no Brasil*. Apresentação Walther Moreira Salles. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles: Fundação Djalma Guimarães, 1983. v. 2.

ARANTES, Maria do Carmo. *GTO e a arte incomum*. Ponta de Lança - Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte: março de 1988, pág. 12 e 13.

FERREIRA, Mauro Eustáquio. *GTO – Homem simples, grande escultor*. Águas Claras, Divinópolis: out. de 2005, pág. 07.

PEDROSO, João Carlos. *Mostra sem Modéstia*. O Globo, Rio de Janeiro: nov. de 1989, caderno 2.

CINCO anos sem novos sonhos de G. T. O. Edésio: miniaturas. Textos de Mauro Eustáquio Ferreira et al. Belo Horizonte: Galeria Paulo Campos Guimarães: Biblioteca Pública Estadual Professor Luiz de Bessa, 1995.

_____. SALÃO GLOBAL DE INVERNO, 6, Belo Horizonte, 1979. [Catálogo]. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 1979. n. p.

Antônio Poteiro. Disponível em <http://www.antoniopoteiro.com/>. Acesso em: 07 jun. 2011.

Arte Popular do Brasil. *Maurino Araújo*. Disponível em <<http://artepopularbrasil.blogspot.com/2010/12/maurino-araujo.html>> Acesso em: 06 jun. 2011.

BARBOSA, Ana Mae. Arte como educação e cidadania: depoiment [03/04/200]. Agência USP de Notícias: A participação na arte como educação e cidadania. Disponível em <http://www.usp.br/agen/bols/2000/rede529.html> . Acesso em 19 ago.2010.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras*. NET, Estudos Avançados, 1989. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf> > Acesso em: 17 mar. 2011.

BARBOSA, Ana Mae. Entrevistada por Paulo Markun. São Paulo 12/10/1992. Disponível on line em <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/370/entrevistados/ana_mae_barbosa_1998.htm > Acesso em: 19 ago. 2010.

Cidades Invisíveis: *Minas revelada pelos pontos de cultura*. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=U216dBmYYoQ>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

<http://www.casadomestrevitalino.com.br/>

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. *Poteiro, Antônio (1925-2010)*. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1122&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=1 >. Acesso em: 07 jun. 2011.

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. *GTO (1913-1990)*. Disponível on line em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1966&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=1 >. Acesso em: 16 mar. 2011.

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. *Mestre Vitalino (1909-1963)*. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=4457>. Acesso em: 06 jun. 2011.

GAMA, Mauro. Milagre e realidade da Arte Popular. Disponível em <http://www.polemica.uerj.br/pol18/cimagem/p18_mauro.htm >. Acesso em: 07 jun 2011.

GIANNETTI, Cecília. *Sem Limites entre o Sagrado e o Profano*: depoiment. [13/10/2003]. Jornal do Brasil. Disponível on line em

<<http://www.jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernob/2003/10/12/jorcab20031012003.html>>. Acesso em: 01 set. 2010.

JAFET, Marco Aurélio. *Nem naif nem primitiva. É arte popular, sô!* NET, julho 2010. Seção Especial Arte. Disponível on line em <<http://www.revistabrasileiros.com.br/edições/36/textos/1101/>> Acesso em: 29 ago. 2010.

Jofe dos Santos. Disponível em <<http://www.taglia.com.br/jofe/>>. Acesso em: 07 jun 2011.

_____. MGTV – TV Integração, Divinópolis. *GTO: o talento do homem que frequentou a escola por dois anos*. Disponível em <<http://megaminas.globo.com/2011/06/02/gto-o-talento-do-homem-que-frequentou-a-escola-por-dois-anos>>. Acesso em: 02 jun. 2011.

_____. MGTV – TV Integração, Divinópolis. *GTO: artista de Divinópolis que conquistou o mundo através de sua arte*. Disponível em <<http://megaminas.globo.com/2011/06/01/gto-artista-de-divinopolis-que-ganhou-o-mundo-atraves-de-sua-obra>>. Acesso em: 02 jun. 2011.

SAMPAIO, Márcio. *No rastro mágico da Arte*. NET, Belo Horizonte, [s/d]. Seção Ensaios. Disponível em < <http://www.crap-mg.art.br/ensaios/ensaios.asp?ID=10>> Acesso em: 28 ago. 2010.